

FERNANDO DE AZEVEDO: DA EDUCAÇÃO FÍSICA ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS

*Nelson Piletti**

RESUMO: O artigo apresenta uma visão panorâmica da vida e da obra de Fernando de Azevedo, concentrando-se nos seguintes aspectos: o homem e a obra, o especialista em educação física, o crítico literário, o reformador da educação, o cientista social, educação e sociedade.

UNITERMOS: Educação e sociedade; educação física; Ciências Sociais; reforma educacional; fundação da USP; humanismo moderno.

Sem dúvida, um dos aspectos que mais nos chamam a atenção, na longa trajetória de Fernando de Azevedo, é a ampla abrangência não só dos seus interesses intelectuais como também da sua atuação prática. Interesses e atuação permanentemente permeados por duas qualidades marcantes, cultivadas com extrema persistência a partir de sua formação familiar e acadêmica: um estilo de vida quase ascético e um aguçado senso do dever, adquiridos no contato com a tradição jesuítica e com o curso de direito, embora tenha abandonado tanto a vida religiosa quanto o exercício da advocacia.

No dizer de Antonio Candido, em depoimento ao I Fórum de Educação do Estado de São Paulo, em 1983, Fernando de Azevedo foi "um exemplo raro de homem que gosta da responsabilidade e cuja lucidez é aguçada, não embotada, pelas dificuldades, porque elas espicaçam o seu ânimo combativo". Um homem dedicado ao trabalho, infatigável na luta pelos ideais que defendia, conforme a imagem que dele guardou sua filha Lollia de Azevedo Marx:

"Meu pai era um forte, uma grande inteligência, um trabalhador incansável, um batalhador. Um homem aberto para tudo, olhando sempre para o futuro. Até o fim trabalhou e lutou pelos seus ideais, pelo bem de sua família, com toda sua força e energia".

* Professor da Faculdade de Educação/USP.

De especialista em educação física a professor de latim e psicologia; de crítico literário a educador de renome; de humanista a cientista social, Fernando de Azevedo revelou-se sempre um homem de pensamento e de ação, profundamente preocupado com os graves problemas que afetavam a vida nacional.

O homem e a obra

Natural de São Gonçalo de Sapucaí, Minas Gerais, onde nasceu em 2 de abril de 1894, Fernando de Azevedo teve uma intensa participação na vida cultural do país, apresentando uma atuação destacada particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento da educação.

Concluídos os estudos secundários no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, ingressou na Companhia de Jesus, tendo feito o noviciado em Campanha, Minas Gerais. Após um ano de recolhimento no Colégio São Luís, em Itu, São Paulo, decidiu abandonar a vida religiosa. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde iniciou o curso de Direito, que concluiu em São Paulo, na Faculdade do Largo de São Francisco. Entre a advocacia e o magistério, preferiu o segundo, que começou a exercer em 1914, como professor de latim e psicologia no Ginásio do Estado de Minas Gerais.

No mesmo ginásio, em 1915, concorreu à cadeira de Educação Física. Classificado em primeiro lugar, foi preterido em favor de outro candidato. Em 1917, transferiu-se para São Paulo, onde, além de lecionar latim e psicologia na Escola Normal da Capital, passou a exercer o jornalismo. Dedicou-se à crítica literária, inicialmente no *Correio Paulistano* e, em seguida, no jornal *O Estado de S. Paulo*. Neste último, em 1926, procedeu a um vasto inquérito sobre o estado da educação em São Paulo, trabalho que marcou seu ingresso definitivo no grupo dos chamados "profissionais da educação".

Integrado ao amplo movimento reformador que, na década de 20, impulsionado pela Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada em 1924, tomou conta de vários Estados da Federação, Fernando de Azevedo, a convite do prefeito Antônio Prado Júnior, tornou-se Diretor Geral da Instrução Pública na capital da República e, entre 1927 e 1930, promoveu uma reforma radical da educação no Distrito Federal. Voltando a São Paulo, em decorrência da "Revolução de 30", intensificou sua participação no movimento de renovação educacional: em 1931, na Companhia Editora Nacional, fundou a Biblioteca Pedagógica Brasileira, que, em apenas uma de suas cinco seções, a *Brasiliana*, publicou 286 volumes, até 1956; em 1932, redigiu e lançou, juntamente com outros 25 educadores e intelectuais, o *Manifesto dos Ploneiros da Educação Nova*; em 1933, como Diretor Geral da Instrução Pública, implantou o Código de Educação do Estado de São Paulo; em 1934, participou da fundação da Universidade de São Paulo, na qual, posteriormente, foi

diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e catedrático de sociologia; em 1935, com a fundação da Sociedade Brasileira de Sociologia, tornou-se seu presidente, função que exerceu por cerca de 20 anos; em 1947, assumiu o cargo de Secretário de Educação e Saúde do Estado de São Paulo; em 1956, foi escolhido diretor geral do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo; em 1961, ocupou o cargo de Secretário da Educação e Cultura do Município de São Paulo; em 1968, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Fernando de Azevedo pertenceu a várias instituições culturais e científicas internacionais, como o *Institut International de Sociologie*, de Paris; a *International Sociological Association*, fundada em 1949, na Noruega, por iniciativa da Unesco, da qual foi vice-presidente (1950-1953); a *Asociación Latinoamericana de Sociología*. Recebeu, ainda, várias distinções, entre as quais o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, em 1943, e a Cruz da Legião de Honra da França, em 1947.

Sua vasta obra escrita, parte da qual resultante de numerosos artigos, conferências, palestras e entrevistas, abrange cerca de 25 volumes, editados pela Melhoramentos, e atesta os múltiplos interesses e as variadas facetas de sua atuação. Até mesmo nos últimos anos de sua vida, quase cego, Fernando de Azevedo continuou produzindo, conforme testemunha sua filha Lollia: "Escreveu até o fim da vida. Conseguia escrever mesmo sem enxergar, depois eu lia o que ele havia escrito, corrigia ou modificava se assim ele achasse necessário".

Essa quase obsessão pelo trabalho – e só foram mencionadas as mais expressivas entre suas atividades – acabaria por interferir em sua vida familiar. É Lollia que nos relata:

"Quando papai chegava em casa, depois de falar conosco e nos beijar, afastávamo-nos indo brincar onde não nos ouvisse. 'Seu pai precisa trabalhar', como minha mãe dizia, sempre vigilante para que ele tivesse a paz necessária. Nossa convivência com papai era mais às horas das refeições que, por isso mesmo, eram muito prolongadas. Nesses momentos papai e mamãe conversavam sobre nós e conosco, sobre assuntos gerais e sérios. Quando crianças, nem sempre nos interessavam essas conversas, mas prestávamos atenção. Com a idade fomos ficando muito bem informados. Quando meus pais não queriam que entendêssemos, falavam em francês. É claro que não demorou muito e acabamos entendendo; era a hora em que ficávamos mais atentos. (...) Quando adolescentes sentimos muito, principalmente meu irmão, a falta de liberdade que tínhamos. Meu irmão a conquistou, vencendo meu pai pela insistência e rebeldia. Mas nós, as mulheres, continuamos sob controle até nos casarmos".

Por outro lado, a vida profissional também era atingida pelos acontecimentos familiares, particularmente quando da ocorrência de situações mais graves. É o que se verificou por ocasião da perda trágica de dois filhos, também relatada por Lollia:

“Quando rapaz meu irmão sofreu um gravíssimo acidente de carro, tendo que ficar hospitalizado por meses. Quase morreu. Papai largou tudo, dedicando-se exclusivamente a ele. Foi nessa ocasião que ficou com os cabelos brancos rapidamente. Foi horrível para todos nós. Quando meu irmão já casado e com três filhos adoeceu, tendo que fazer três grandes operações e falecido, meu pai ficou desesperado. Junto a minha mãe, que era uma mulher mais resistente ao sofrimento, alegre e uma grande companheira, ele sobreviveu. Um ano depois perderam Lívia, a filha mais velha, sempre tão amiga e tão ligada a eles: foi outro golpe terrível, quando ainda não estavam refeitos da perda do Fábio. Papai ficou muito amargurado, um pouco agressivo, o que se nota em seus escritos nessa época. Com o passar do tempo essa dor foi se amenizando, papai ficou calmo, muito bom. Sempre forte, dominando na família, querendo sempre resolver os problemas das filhas e netos”.

O especialista em educação física

O interesse de Fernando de Azevedo pela educação física manifestou-se tanto em estudos teóricos, que se estenderam por 15 anos, de 1915 a 1930, quanto em iniciativas administrativas, que consistiram em reservar para tal atividade, nas várias reformas educacionais em que teve participação decisiva, um espaço privilegiado nos programas escolares. Não chegou a exercer o magistério da matéria, embora o tivesse desejado, pois, em 1915, aos 20 anos, participou do concurso à cadeira de Educação Física no Ginásio do Estado, em Belo Horizonte, com a tese intitulada *A poesia do corpo*, tendo sido preterido apesar de obter o primeiro lugar, como já foi mencionado.

A *poesia do corpo*, tese publicada posteriormente com o título *Da educação física*¹ é um trabalho de 316 páginas cuja bibliografia, de 87 livros, inclui apenas dois textos em língua portuguesa. A grande maioria dos livros citados são obras francesas (65) e alemãs (12), distribuindo-se as restantes entre o italiano, o inglês, o latim e o espanhol, fato que atesta a grande influência das idéias e dos métodos franceses sobre a orientação das atividades de educação física no Brasil da época.

Um dos primeiros estudos teóricos sobre a educação física no Brasil – o pioneirismo cabe certamente a Rui Barbosa, em seus *Pareceres* de 1883, de extração predominantemente alemã – *A poesia do corpo* traduz a concepção do autor sobre a matéria, ao mesmo tempo ciência e arte:

“A *poesia do corpo* – nem podia ser outra a epígrafe deste trabalho. É a expressão sintética da concepção moderna de ginástica, que, no seu elevado intuito pedagógico, é de fato e não pode deixar de ser a poesia do corpo. Ciência e arte a um tempo – baseia-se toda na biologia, nos princípios anatômico-fisiológicos para alcançar a saúde

1. São Paulo, Weiszflog, 1920.

corpórea, que é a condição fundamental do espírito, e tem a realizar um fim duplamente estético – o belo na forma e no movimento”².

Entretanto, ao promover a saúde do corpo e do espírito, simultaneamente à finalidade estética, a educação física haveria de alcançar objetivos de larga repercussão na renovação da nacionalidade, em conformidade com os princípios eugênicos muito em voga na época:

“Uma vez introduzida pela educação nos hábitos do País, a prática desta cultura física, sustentada durante uma larga série de gerações, depuraria a nossa raça de diáteses mórbidas, locupletando-a, progressivamente, pela criação incessante de indivíduos robustos”³.

Além dessa primeira e fundamental obra, Fernando de Azevedo produziu, ainda, outros estudos sobre a educação física, procurando sempre dar consistência teórica a suas preocupações relativas à “higiene social”: em 1920, publicou *Antinous – estudo de cultura atlética*⁴; em 1930, encerrando suas incursões mais importantes pela área, lançou *A evolução do esporte no Brasil e outros estudos de educação física e higiene social*⁵.

O crítico literário

Fernando de Azevedo foi conduzido à crítica literária pelas mãos dos clássicos latinos. Durante vários anos professor de língua e literatura latinas, dedicou diversas obras aos estudos clássicos, concentradas nos anos 20: *No tempo de Petrónio. Ensaio sobre a antiguidade latina*⁶; *Jardins de Salústio. À margem da vida e dos livros*⁷; *O segredo da Renascença e outras conferências*⁸; *Páginas latinas. Pequena história de literatura romana pelos textos*⁹.

Seus estudos de crítica literária, publicados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, de 1924 a 1926, foram reunidos em um volume editado com o título *Ensaio*¹⁰. Na segunda edição, de 1929, foram acrescentados alguns novos estudos e o título da obra foi modificado para *Máscaras e retratos. Máscaras*, porque Fernando de

2. *Da educação física*. p. 4-5.

3. *Idem, ibidem*. p. 299.

4. São Paulo, Weiszflog.

5. São Paulo, Melhoramentos.

6. São Paulo, Marrano, 1923.

7. São Paulo, Marrano, 1924.

8. São Paulo, Nova Era, 1925.

9. São Paulo, Melhoramentos, 1927.

10. São Paulo, Melhoramentos, 1929.

Azevedo entendia ser função do crítico ressaltar as qualidades e dissimular ou expressar de forma sutil os defeitos dos autores examinados; *retratos*, porque procurava apresentar a imagem ou a representação dos autores pela descrição e análise dos seus traços mais salientes e característicos.

No prefácio da obra *Máscaras e retratos*, o autor procura expor sua linha de conduta no trato com o texto literário, fundada na análise objetiva, certamente, mas também no sentimento, decorrente de “um dom muito especial”:

“Certamente, sempre me esforcei por observar com objetividade e exprimir com isenção de ânimo, e, tratando-se de obra literária, cuidava sobretudo de senti-la – o que não se consegue senão por um dom muito especial que nos vem da sensibilidade artística e da intuição. De um lado, porém, manifestação ou produto do engenho humano, em qualquer dos domínios da arte, é uma realidade complexa e fugidia, que nem sempre é fácil de atingir no que tenha de mais profundo e de que nos escapam às vezes aspectos essenciais. Por outro lado, nos julgamentos de um crítico – porque ‘nada do que é humano lhe é estranho’ – podem intervir e, de fato, intervêm simpatias e prevenções que contribuem antes para ‘mascarar’ os autores do que para retratá-los”¹¹.

A dissimulação ou a sutileza na crítica, assim como simpatias ou prevenções não deveriam, porém, constituir obstáculos à sinceridade no trato com a obra de arte. Exemplo de sinceridade pode ser encontrado numa pequena passagem da crítica que Fernando de Azevedo fez ao livro *Humor*, de autoria de Sud Menucci, seu futuro colaborador na reforma educacional levada a efeito no Distrito Federal:

“Mas, se um acentuado desdém, que parece afetar, pela doutrina e erudição – bases indispensáveis a toda sólida organização filosófica – o levou, por um lado, a evitar qualquer exibição intempestiva de cultura, por outro, o impeliu a fazer uma concessão larga demais à ligeireza de espírito. O autor de *Humor* tem o bom gosto de refugar todo o pedantismo científico. Nem é mesmo dos que procuram simular cultura. Por isso não se parece com aquele astuto mercador, Hipérbolus, de que fala Aristóphanes, e que, para aumentar o peso e, portanto, o preço de suas lâmpadas de bronze, lhes enchia o interior de chumbo... Mas certos espíritos perspicazes, excessivamente confiados na sua penetração crítica, são levados, com facilidade, sem o querer, ao que Madame de Stäel chamou, com malícia e ironia, ‘o pedantismo da ligeireza’”¹².

Já na segunda metade da década de 20, Fernando de Azevedo haveria de abandonar a crítica literária para dedicar-se quase exclusivamente à educação e às ciências sociais. Apesar de fortemente pressionado por circunstâncias objetivas, como a insistência dos donos do jornal *O Estado de S. Paulo* para que promovesse

11. *Máscaras e retratos*, p. 15.

12. *Idem, ibidem*, p. 39.

um grande inquérito educacional e o posterior convite para que assumisse a direção da Instrução Pública no Distrito Federal, a decisão de mudar radicalmente o rumo das suas atividades profissionais não foi imune a dúvidas e conflitos, conforme reconhece o próprio Fernando de Azevedo:

"Confesso, no entanto, ter sido uma árdua polêmica a que se travou em meu espírito, mas entre duas inclinações, igualmente fortes – as literárias, de um lado, e as científicas e educacionais, de outro, acabaram estas por vencer, não só pela consciência cada vez mais viva da importância da ciência e da técnica, na civilização atual, como também por me parecerem mais urgentes, em nosso país, os esforços em favor do desenvolvimento das ciências sociais e da solução dos problemas fundamentais da educação"¹³.

O reformador da educação

Ao tomar posse como membro da Academia Brasileira de Letras, em 1968, Fernando de Azevedo considerou-se "um escritor de idéias radicais, de espírito inquieto e insatisfeito consigo mesmo e com quase tudo o que vê à volta de si, dominado pelo demônio da reforma que é um de seus companheiros mais constantes nas horas de solidão".

Foi, sem dúvida, no campo da educação que o "demônio da reforma" que acompanhava Fernando de Azevedo manifestou-se de forma mais freqüente e intensa. E entre as iniciativas em que se envolveu, com a determinação que lhe era característica, destacam-se o inquérito sobre a educação em São Paulo, em 1926; a reforma da educação no Distrito Federal, de 1927 a 1930; o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932; a fundação da Universidade de São Paulo, em 1934; e o manifesto "Mais uma vez convocados", em defesa da escola pública, em 1959.

O inquérito de 1926

Por ocasião do inquérito de 1926, seu organizador reconhece que pouco ou nada entendia da matéria: "Nesses domínios, os meus conhecimentos não ultrapassavam ainda as fronteiras de duas especialidades: da educação física, a que me dedicara durante alguns anos, desde 1916, e da literatura e língua latina, de que exercia o magistério na antiga Escola Normal de São Paulo"¹⁴. Por isso mesmo, seu primeiro trabalho foi ler tudo o que se escrevia sobre o assunto, particularmente

13. *Idem, ibidem*. p. 12-3.

14. *A educação na encruzilhada*, p. 25.

sobre as novas tendências da educação. Em seguida, elaborou três questionários, que foram respondidos por 20 educadores e intelectuais de renome, assim distribuídos: 1) ensino primário e normal (seis entrevistados); 2) ensino técnico e profissional (seis entrevistados); 3) ensino secundário e superior (oito entrevistados). Tal divisão expressa uma das características marcantes da organização do ensino na época e na maior parte da nossa história: o ensino secundário, encarado como preparatório aos cursos superiores, aparecia sempre, tanto na legislação quanto nas discussões, junto com o ensino superior, ambos destinados à formação das elites. Por seu turno, o primário, o normal, o técnico e o profissional compreendiam o ensino reservado às classes populares e não davam acesso ao curso superior.

As questões – 16 para o ensino primário e normal, 17 para o ensino técnico e profissional e 12 para o ensino secundário e superior – em grande parte foram elaboradas de forma a sugerir as respostas, de acordo com a concepção que Fernando de Azevedo tinha a respeito do tema. Assim, são numerosas as perguntas que começam com expressões do tipo “Não acha...”, “Não lhe parece...”, “Não reconhece...”, etc.

Inicialmente, os resultados do inquérito foram divulgados pelo próprio *O Estado de S. Paulo*. Depois, seriam publicados em livro, primeiro com o título *A educação pública em São Paulo*¹⁵, modificado, na edição seguinte, para *A educação na encruzilhada*¹⁶. Para a publicação, Fernando de Azevedo escreveu uma introdução e uma conclusão para cada uma das três partes, destacando as principais críticas e propostas de soluções para a educação paulista da época. Pela sua importância e pela atualidade que ainda possuem, quase setenta anos depois de formuladas, vale a pena transcrever a síntese das críticas e soluções feita pelo próprio autor:

Críticas:

“As críticas gerais, mais importantes? A de que a educação se ressentia da falta de planejamento e que, sem plano e sem alvo, desenvolvendo-se por adições e enxertos, andava divorciada do meio e renhida com os interesses fundamentais da vida nacional e da civilização. O triunfo da burocracia no ensino – burocracia estreita, aparatosa e niveladora – a rigidez de uniformização que tendia a torná-lo artificial; a legislação draconiana; o empirismo com que eram tratados problemas tão complexos, como os da educação; o caráter antiquado do sistema escolar sofreram uma carga cerrada de críticas as mais severas de todos os lados. E a escola primária como foi então julgada? Uma escola que falhou, sem finalidade educativa e montada para uma concepção social vencida. E o ensino técnico? Construção suspensa pouco acima dos alicerces; ensino, cujo desenvolvimento se considerava, pois, irrisório, sem estrutura para se pôr de pé, debatendo-se num estado caótico sem a menor organização. Do

15. São Paulo, Nacional, 1937.

16. São Paulo, Melhoramentos, 1960.

ensino secundário, o menos que se disse é que, vítima de um regime de aventuras e experiências, atropelado sob um montão de leis e projetos contraditórios, acabou por degenerar numa grande chaga que tinha sua origem na multiplicidade de reformas inadequadas e, sobretudo, na falta de qualquer instituição proposta à formação do professorado secundário. É quanto ao ensino superior, a falha capital que se apontou foi a ausência de universidades ou a tremenda deficiência de instituições de altos estudos e de pesquisas”¹⁷.

Soluções:

“A necessidade de uma política de educação, com unidade de concepção e de plano, nas suas diretrizes e linhas gerais, como a de colocar os problemas de educação em face das novas condições econômicas e sociais e de adaptar o ensino às necessidades regionais; a reconstrução da escola para a formação de valores socialmente úteis; a organização da escola primária como escola do trabalho e escola-comunidade; o problema da preparação do professor e a elevação do seu *status* social; a cooperação da família e da escola; as bibliotecas escolares, operárias e circulantes; o apelo ao cinema e ao rádio como instrumentos educativos e o seu papel na escola; a orientação e a seleção profissional pelos métodos psicotécnicos; a valorização técnica do elemento humano; o ensino secundário baseado nas línguas modernas e nas ciências; o papel da ciência e da técnica na civilização industrial; a criação de universidades como institutos de investigação científica e de altos estudos; a associação do ensino e da pesquisa; eis aí várias das questões mais discutidas e das medidas propostas no inquérito, e em torno de algumas das quais se estabeleceu uma notável convergência de pontos de vista”¹⁸.

Para Fernando de Azevedo, o inquérito de 1926 constituiu um verdadeiro marco na história da educação brasileira, foco irradiador de um vigoroso “movimento de renovação nacional”:

“Este fato de que, no inquérito do *O Estado de S. Paulo* se encontram as linhas reformatrizes do maior movimento de renovação nacional que se operou no País, já bastava para lhe dar alto valor documentário, na história da educação nacional. Esse amplo inquérito marca efetivamente um período agudo na fermentação de idéias com que, nos domínios da educação, já se processava um movimento francamente renovador, igual ao que se manifestara na arte e na literatura, e que culminou na Semana de Arte Moderna”¹⁹.

17. *A educação na encruzilhada*, p. 22.

18. *Idem, ibidem*. p. 20.

19. *Idem, ibidem*. p. XXIX.

A reforma no Distrito Federal

Seja por conta do inquérito de 1926, seja em função da amizade que o unia aos Mesquita, donos do *Estadão*, e ao próprio presidente Washington Luís, ou por esses fatores juntos, conforme a versão a que se der crédito, o fato é que Fernando de Azevedo foi convidado pelo prefeito Antônio Prado Júnior a assumir a direção da Instrução Pública do Distrito Federal, cargo que exerceu de janeiro de 1927 a outubro de 1930, quando da deposição do primeiro mandatário da nação. E a reforma do ensino primário, normal e técnico, que então promoveu, foi a primeira oportunidade que se lhe apresentou para que tentasse colocar em prática as idéias que defendera por ocasião do inquérito que realizara para *O Estado de S. Paulo*.

A primeira iniciativa que tomou, no âmbito da reforma, foi promover um amplo censo escolar, medida que suscitou forte oposição, particularmente por parte da imprensa, exacerbada pelo bairrismo carioca em face dos "técnicos paulistas". Os que se opunham à iniciativa consideravam o censo desnecessário, já que os números relativos à população escolar, que freqüentava ou não a escola, poderiam ser obtidos a partir dos dados do recenseamento geral de 1920, mediante correção estatística.

Os exemplos que seguem são suficientes para aquilatar a espécie de argumentação utilizada pela imprensa opositora: "Recensear a população escolar importa em dar remédio ao mal que se vai descobrir. Que importa saber onde se localizam as 200 mil crianças em idade escolar, se não podemos oferecer-lhes as escolas precisas?"²⁰; "A Instrução Pública do Distrito Federal é um caso muitíssimo sério. Não pense, pois, o sr. Prado Jr. que a visita de sucessivos técnicos paulistas, especializados ou não no assunto, possa consertar, com facilidade, aquele pandemônio"²¹; "Não passa de uma dispendiosa e prejudicial fantasia o plano do recenseamento escolar (...). *O Globo* oferece ao Sr. prefeito e de primeira mão todos os elementos do Rio escolar (...). Recenseamento escolar para quê? Não há quem nos possa responder; não há dialética que justifique tamanho contra-senso de administração"²².

Houve, porém, órgãos de imprensa – *A Pátria*, *A Rua*, *O Brasil*, *O Imparcial*, *A Noite* – que assumiram a defesa do censo, apresentando, entre outros, os seguintes argumentos: "Basta dizer que para agir conscientemente nessa matéria era preciso, antes de tudo, o recenseamento da população escolar. Sem essa condição, todo e qualquer plano, mesmo bem orientado, ou produziria resultados insignificantes ou falharia, apesar das novas despesas necessárias à sua realização"²³; "Excelente, não há dúvida, a idéia do recenseamento da população infantil em idade escolar. Do

20. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1927.

21. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 fev. 1927.

22. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1927.

23. *A Pátria*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1927.

conhecimento exato do número de crianças dessa idade depende o êxito de uma sábia política pedagógica (...)”²⁴.

Não obstante a forte oposição, Fernando de Azevedo foi em frente. Realizou o censo e elaborou um anteprojeto de nova lei do ensino, que foi encaminhado ao Conselho Municipal em 4 de outubro de 1927. Tiveram início, então, novas dificuldades: enquanto os intendentess da situação, esperando obter vantagens – como a possibilidade de indicar professores que, pelo anteprojeto, deveriam ser concursados – passaram a opor-se tenazmente ao projeto, a oposição, sob forte influência do intendente independente Maurício de Lacerda, atuava construtivamente no sentido da sua aprovação. Em meio a expedientes protelatórios, Fernando de Azevedo foi acusado de tentar a “bolchevização do ensino” e chegou a sofrer ameaça de atentado, no momento em que defendia seu projeto no Conselho Municipal.

No dia 13 de novembro de 1927, o reformador tentou romper o impasse com a divulgação de uma violenta nota, na qual esclarecia sua posição, afirmando a certa altura:

“O Diretor de Instrução elaborou um projeto de lei e o ofereceu ao Conselho Municipal, atendendo a um convite com que o honraram as comissões reunidas de Instrução, Justiça e Orçamento. Se nada vale, deve ser rejeitado; se tem defeitos, deve ser emendado; se é obra digna de apreço, deve ser aprovada. Supor o diretor de Instrução Pública capaz de ceder a qualquer pressão ou transação é desconhecê-lo, senão injuriá-lo.”

O diretor recebeu inúmeros apoios, muitos dos quais traduzidos em cartas e telegramas. Mas a situação se prolongaria até o dia 26 de dezembro, quando, por um “golpe de mestre” de Maurício de Lacerda, que condicionou a aprovação do orçamento à da reforma do ensino, e sob as bênçãos natalinas, os intendentess aprovaram o projeto.

A reforma entrou em vigor no início de 1928, construída sobre três princípios básicos: *extensão* do ensino a todas as crianças em idade de recebê-lo; *articulação* entre os diversos níveis e modalidades de ensino; e *adaptação* ao meio do Distrito Federal (urbano, rural ou marítimo) e às idéias modernas de educação (escola única, escola do trabalho e escola do trabalho em cooperação ou escola-comunidade).

De acordo com o próprio Fernando de Azevedo, os principais méritos da reforma estão mais na mobilização de forças morais, no “movimento de idéias e opiniões”, na “extensão do campo que abrangeu”, na influência que exerceu em outras unidades da Federação e no pensamento educacional do período posterior, bem como no seu caráter radical e compreensivo, expresso num código completo e coerente, em que as questões técnicas foram resolvidas “em função de uma nova

24. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1927.

concepção de vida e de cultura", voltada "para uma civilização industrial", do que na real solução dos problemas concretos enfrentados pela instrução pública do Distrito Federal²⁵. Esse intenso movimento de idéias e opiniões pode ser amplamente comprovado pelas cerca de sete mil matérias, publicadas pelos órgãos de imprensa, sobre o período de pouco menos de quatro anos da administração Fernando de Azevedo.

Vitoriosa a "Revolução de 30", com a intervenção no Distrito Federal, o novo governo procurou para o cargo de Diretor Geral de Instrução Pública alguém que se identificasse com a oposição à administração anterior. O primeiro a ser nomeado foi o professor Osvaldo Orico, que ingerências da política mineira levariam a substituir, poucos dias depois, pelo doutor Raul de Faria, inspetor escolar do Distrito Federal e um dos mais notórios opositores da Reforma Fernando de Azevedo. Nos poucos meses em que permaneceu à frente da Diretoria de Instrução pública, Raul de Faria promoveu investigações e inquéritos, na tentativa de apurar possíveis irregularidades da administração Fernando de Azevedo e procurando atingir seus principais auxiliares.

A partir de 1931, porém, como novo Diretor Geral, Anísio Teixeira retomou e aprofundou a reforma, com a criação de uma universidade, com a qual a capital da República passou a dispor de um completo sistema de ensino, do primário ao superior. Fundada em 1935, com feição democrática e popular, a Universidade do Distrito Federal teria vida curta: em 1939, depois de inúmeras controvérsias, acabou incorporada à Universidade do Brasil, por força de ato discricionário do governo do Estado Novo.

O Manifesto de 32

Elaborado em resposta à solicitação do governo provisório, que reclamava dos educadores sugestões para a definição de uma nova política educacional, e com a finalidade de definir claramente as posições dos liberais, em oposição às dos conservadores, identificados como "católicos", o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova – *A Reconstrução Educacional do Brasil: Ao povo e ao Governo* – acabaria se transformando em importante marco em nossa história educacional.

Redigido por Fernando de Azevedo e assinado por mais 25 intelectuais e educadores de renome, entre os quais Anísio Teixeira, Paschoal Lemme, Lourenço Filho, Cecília Meireles e Júlio de Mesquita Filho, o Manifesto de 32 inicia ressaltando a importância fundamental da educação:

25. Cf. *A cultura brasileira*, p. 656-7.

“Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos da reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e do desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa, que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade”.

Do manifesto, os educadores extraíram um programa educacional, verdadeira plataforma de governo, cujas principais diretrizes são as seguintes: estabelecimento de um sistema completo de educação, essencialmente público, nas bases de uma educação integral, da co-educação entre os sexos, da escola única para todos e leiga e da educação primária gratuita e obrigatória; organização da escola secundária (de seis anos) em tipo flexível, de nítida finalidade social, como escola para o povo; desenvolvimento da educação técnica profissional, de nível secundário e superior, como base da economia nacional; criação de universidades que sirvam à pesquisa científica e à cultura livre e desinteressada, à preparação do professorado para todos os níveis de ensino, à formação de profissionais de todas as profissões de base científica e à vulgarização ou popularização científica, literária e artística por todos os meios de extensão universitária.

A fundação da USP

No dia 25 de janeiro de 1934 nascia a Universidade de São Paulo. E na sua fundação, Fernando de Azevedo desempenhou um papel importante, tendo sido o redator dos seus primeiros estatutos. Sobre o assunto, assim se manifesta Paulo Duarte:

“Na organização da Universidade houve três pessoas que por ela trabalharam, consideradas os fundadores, com conhecimento profundo do modelo, pois o haviam discutido. Éramos o Júlio Mesquita, eu e o Fernando de Azevedo, que foi posto bem a par do projeto pelo Julinho e por mim. Fizemos várias reuniões, a três, para discutir o modelo. Queríamos um modelo europeu, e o melhor era o francês. Daí o fato de terem sido contratados mais professores franceses do que de outras nações”²⁶.

Para Fernando de Azevedo, na sua origem, a Universidade de São Paulo foi uma resposta da inteligência e do espírito de liberdade dos paulistas à força e à violência de que haviam sido vítimas, nos movimentos armados de 30 e 32, bem como aos ideais totalitários de esquerda e de direita então em voga:

26. *Ciência Hoje*. p. 40, jul./ago. 1984.

“Pois, nesta época rudemente trabalhada por duas correntes sociais e políticas que, fazendo apelo à força, à vontade e à ação, tendem a esmagar a inteligência e a liberdade sob o rolo compressor da máquina do Estado, o governo de São Paulo criou a Universidade, como um protesto e afirmação de fé na liberdade de pensamento e de investigação, de crítica e de debate, que constituem os fundamentos das instituições democráticas e universitárias. É a resposta de São Paulo aos ideais da força e da violência”²⁷.

Em defesa da escola pública

Nos anos 50, por ocasião das discussões em torno do projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, voltaram a tomar-se agudos os debates e confrontos entre os defensores da escola pública e os defensores da escola privada. Os conflitos assumiram feições particularmente acirradas a partir de 1959, quando da discussão do substitutivo Lacerda, francamente contrário à presença do Estado na Educação e favorável à prioridade absoluta da iniciativa particular. Em nome de uma particular concepção de liberdade de ensino, o substitutivo propunha uma educação ministrada sobretudo pelas entidades privadas e, supletivamente, pelo poder público; um ensino particular não fiscalizado pelo Estado mas por ele subvencionado. “Como se vê, seria um ensino livre, mas livre da fiscalização do Estado e remunerado pelos cofres públicos”²⁸.

Reagindo à aprovação pela Câmara dos Deputados de grande parte dos dispositivos propostos no substitutivo Lacerda, organizou-se uma grande campanha nacional em defesa da escola pública, com a participação de intelectuais, professores, estudantes, trabalhadores e outras categorias e instituições sociais, visando a esclarecer a opinião pública e pressionar o Senado no sentido de deter o avanço privatista sobre o ensino. Fernando de Azevedo engajou-se decididamente na campanha e redigiu um novo manifesto em defesa da escola pública – *Mais uma vez convocados* – que foi assinado por 180 educadores e intelectuais, entre os quais alguns dos signatários do Manifesto de 32.

O cientista social

Fernando de Azevedo teve atuação decisiva no desenvolvimento das ciências sociais no Brasil, o que se pode comprovar por algumas de suas iniciativas no setor:

27. *As universidades no mundo de amanhã*, p. 123.

28. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 jan. 1959.

em 1928, introduziu a cadeira de Sociologia na Escola Normal do Distrito Federal; em 1931, passou a lecionar sociologia no Curso de Aperfeiçoamento da Escola Normal da capital de São Paulo; em 1933, como Diretor de Instrução Pública, implantou o ensino de sociologia em todas as escolas de formação de professores do Estado de São Paulo, criou o Instituto de Educação e, nele, a cadeira de Sociologia Educacional, tendo sido o seu primeiro professor e catedrático, a partir da incorporação do Instituto pela USP, no ano seguinte; em 1938, com a absorção do Instituto de Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, tornou-se catedrático de Sociologia Educacional da mesma, até 1941, quando assumiu a cátedra da II Cadeira de Sociologia.

Da produção escrita de Fernando de Azevedo no campo das ciências sociais, que foi significativa tanto pela quantidade quanto pelo seu caráter pioneiro no Brasil, podem ser mencionadas as seguintes obras: *Princípios de Sociologia* (1935); *Sociologia Educacional* (1940); *A cultura brasileira* (1943), em três tomos – os fatores da cultura, a cultura, a transmissão da cultura – considerada um clássico e cujo primeiro volume foi escrito como introdução ao recenseamento geral de 1940; *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil* (1948); *Um trem corre para o oeste* (1950), um estudo sociológico sobre a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e seu papel no sistema de viação nacional e na conquista do interior; *A cidade e o campo na civilização industrial e outros estudos* (1962).

Como presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia, de 1935 a 1954, Fernando de Azevedo preocupou-se com a defesa do espaço de atuação do profissional de ciências sociais, lutando pela independência da universidade frente ao Estado, em suas atividades de ensino e pesquisa, tema sobre o qual se manifestou de forma incisiva em seu discurso de despedida do cargo:

“Não há, de fato, perigo maior, especialmente para o desenvolvimento das ciências sociais, do que a submissão, sem restrições, das universidades ao Estado, que, como um rolo compressor, tende a tudo uniformizar e nivelar por baixo, modelando segundo um único padrão os institutos universitários, conduzindo a essa terrível 'simplificação dos tipos humanos que compensa a complicação dos organismos coletivos' e – o que é pior ainda – montando guarda, em nome de qualquer doutrina oficial, à porta do ensino e no campo das pesquisas”²⁹.

Educação e sociedade

Ao mesmo tempo em que o especialista em educação física, o crítico literário e o próprio educador foram cedendo lugar ao cientista social, também sofreu radical

29. *A educação entre dois mundos*, p. 206.

transformação a concepção de Fernando de Azevedo acerca das relações entre educação e sociedade. Embora defendesse sempre a importância fundamental da educação, mostrou-se crescentemente aberto à compreensão dos seus condicionamentos sócio-econômicos e do seu caráter conservador, superando, segundo suas próprias palavras, a concepção "romântica do papel da escola".

Foram três os principais passos dessa mudança. O primeiro coincide com o início de sua administração no Distrito Federal, em 1927, quando acreditava na educação como um decisivo instrumento de transformação social: "Fio em que, executado o plano de reforma de educação popular tal como se estatui, teremos operado um largo, forte, intenso movimento de renovação social, econômica e política interessando profundamente o próprio destino do Brasil"; já em 1932, talvez um tanto decepcionado com os escassos resultados da reforma que promovera e consciente, pela própria experiência administrativa e pelas pesquisas sociológicas, das limitações impostas à educação pelas condições sócio-econômicas e pelas forças políticas, parece convencido dos limites da ação da escola: "A primeira conclusão a que nos levam os estudos sociais, é a limitação do papel da escola na sociedade"; finalmente, em 1954, admite de modo claro o "caráter eminentemente conservador" da educação: "O que, porém, fixa e transmite a educação e, de modo particular, a escola, em seu caráter eminentemente conservador, são antes os valores estáticos do que os aspectos dinâmicos da cultura (...)".

Do início ao fim do seu longo itinerário, acreditando no poder da educação mas, ao mesmo tempo, consciente dos seus limites, Fernando de Azevedo foi sempre um humanista. E como humanista, também evoluiu, passando da defesa intransigente do humanismo clássico, quando erigia o latim como valor absoluto, à pregação do humanismo moderno, fundado no valor das ciências. Do humanismo como conteúdo caminhou para o espírito humanista: "Ora, o humanismo clássico é uma etapa, já vencida, na história do humanismo, o qual não está na matéria que ensinamos (seja qual for, letras ou ciências), mas no 'espírito' que nos anima o ensino de qualquer disciplina e na maneira de ensiná-la"³⁰.

Fernando de Azevedo foi um teórico do humanismo, tendo dedicado ao tema numerosos estudos e conferências, reunidos no livro *Na batalha do humanismo*³¹, entre os quais merecem destaque: Técnica, humanismo e educação; Pelo humanismo que ainda está em vós; Rui e o humanismo; No caminho de um humanismo novo; As universidades no século XX e o problema do humanismo. Mas, preocupou-se também com a prática do humanismo, em nome do qual, para citar apenas um episódio, apresentou-se espontaneamente aos militares que, em 1964, haviam convocado vários professores para depor em inquérito policial-militar, marcando

30. *Seguindo meu caminho*, p. 165-6.

31. São Paulo, Melhoramentos, 1952.

dessa forma o seu protesto e apoiando os colegas, seus antigos alunos. Entre estes estava Antônio Cândido que, no I Fórum de Educação de São Paulo, em 1983, assim se referiu ao mestre: "Como seu aluno e em seguida seu colaborador de muitos anos; como seu discípulo e amigo, quero que este testemunho sirva principalmente para transmitir às gerações novas a lembrança de um homem insigne, que possuía a retidão escarpada dos lutadores e a ternura afetuosa dos grandes corações".

Referências bibliográficas

- ANTÔNIO CÂNDIDO. *Fernando de Azevedo*. I Fórum de Educação, São Paulo, 1983.
- AZEVEDO, Fernando de. *Da educação física*. São Paulo, Melhoramentos, s.d.
- _____. *Antinous – um estudo de cultura atlética*. São Paulo, Weiszflog, 1920.
- _____. *No tempo de Petrônio*. São Paulo, Marrano, 1923.
- _____. *Jardins de Salústio. À margem da vida e dos livros*. São Paulo, Marrano, 1924.
- _____. *O segredo da Renascença e outras conferências*. São Paulo, Nova Era, 1925.
- _____. *A educação na encruzilhada*. 2. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1960.
- _____. *Páginas latinas. Pequena história de literatura romana pelos textos*. São Paulo, Melhoramentos, 1927.
- _____. *Máscaras e retratos*. 2. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1962.
- _____. *A evolução do esporte no Brasil e outros estudos de educação física e higiene social*. São Paulo, Melhoramentos, 1930.
- _____. *Novos caminhos e novos fins*. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1958.
- _____. *Princípios de Sociologia*. 8. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1958.
- _____. *Sociologia Educacional*. 4. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1957.
- _____. *A cultura brasileira*. 5. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1971.
- _____. *Seguindo meu caminho. Conferências sobre educação e cultura*. São Paulo, Nacional, 1946.
- _____. *As universidades no mundo de amanhã*. São Paulo, Nacional, 1947.
- _____. *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil*. 2. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1958.
- _____. *Um trem corre para o oeste*. 2. ed. São Paulo, Melhoramentos, s.d.
- _____. *Na batalha do humanismo e outras conferências*. São Paulo, Melhoramentos, 1952.
- _____. *A educação entre dois mundos*. São Paulo, Melhoramentos, 1958.
- _____. *A cidade e o campo na civilização industrial e outros estudos*. São Paulo, Melhoramentos, 1962.
- Ciência Hoje. Rio de Janeiro, jul./ago. 1984.
- Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 25 fev. 1927.
- Estado de S. Paulo (O). São Paulo, 07 jan. 1959.
- Globo (O). Rio de Janeiro, 20 mar. 1927.
- Imparcial (O). Rio de Janeiro, 10 mar. 1927.
- Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 10 fev. 1927.

MARX, Lollia de Azevedo. Fernando de Azevedo, meu pai. Depoimento prestado ao autor, 1984.

Pátria (A). Rio de Janeiro, 18 jan. 1927.

PILETTI, Nelson. Fernando de Azevedo e o poder da Educação. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 out. 1984.

_____. *A Reforma Fernando de Azevedo. Distrito Federal, 1927-1930*. São Paulo, FEUSP, 1983.

_____. *Fernando de Azevedo: a educação como desafio. Monografias Premiadas*. Brasília, INEP, 1985.

FERNANDO DE AZEVEDO FROM PHYSICAL EDUCATION TO SOCIAL SCIENCES

ABSTRACT: This article presents a panoramic view of the life and works of Fernando de Azevedo, concentrating on the following aspects: the man and his work, the specialist in physical education, the literary critic, the educational reformer, the social scientist, his education and society.

KEYWORDS: Education and society; Physical Education; Social Sciences; educational reform; foundation of the University of São Paulo (USP); modern humanism.



Fernando de Azevedo discursando como paraninfo da turma de 1941 da FFCL/USP. São Paulo, 27 jan. 1942.



Eduardo Kneese de Meilo em Carapicuíba, início dos anos 60.